

Guimarães Jazz

REPORT

O festival do Centro Cultural Vila Flor conseguiu o que já não parecia possível: teve em Novembro passado ainda mais público do que nas últimas edições. Os concertos de Saxophone Summit, Charles Lloyd e The Story rebentaram com a escala da qualidade.



Um projecto exemplar

texto GONÇALO FALCÃO e FRANCISCO VIEIRA BRITO fotografia JOÃO PEIXOTO

Enquanto vemos alguns festivais tradicionais a definhar, o Guimarães Jazz vai-se afirmando exemplarmente, ano após ano. Em 2010, a programao de Ivo Martins conseguiu elevar-se acima do muito bom que nos tem habituado e ofereceu-nos uma das melhores edições de sempre, com vários excelentes concertos.

Mais do que escolher músicos, aquele director artístico constrói uma estratégia de divulgao e sedução de públicos, obtendo resultados muito nítidos: num ano negro economicamente, o Guimarães Jazz voltou a crescer em termos de público. Uma consulta da Internet permitiu verificar que não só houve bilhetes comprados fora de Portugal, como visitantes de Lisboa, Faro, Aveiro, Coimbra, Alcobaca, Caldas da Rainha, Cascais, Porto, Matosinhos, Gaia, Abrantes, Almeirim, Viana do Castelo, Chaves e de quase todas as cidades que circundam Guimarães. E certamente que ficaram com vontade de voltar.

JASON MARSALIS



M.F. Production's Celebration of Lionel Hampton

O arranque do festival de jazz de Guimarães fez-se com o grupo M.F. Production's Celebration of Lionel Hampton, com a ausência do trombonista Curtis Fuller, por motivo de doença grave, substituído por Frank Lacy. As estrelas da "big band" eram Jason Marsalis, Red Holloway e Roberta Gambarini. O concerto enquadrou-se no espírito revivalista que nos anos anteriores justificara as homenagens a Lee Morgan e ao lbum "Kind of Blue", de Miles Davis, na comemorao dos seus 60 anos. Desta vez, pretendia-se celebrar o vibrafonista Lionel Hampton, numa evocao do swing. Enquanto rememorao do passado, cumpriu bem os seus objectivos.

 óbvio que sem conseguir reproduzir de forma exacta a música de Hampton tal como esta era originalmente, nem tal seria possível devido ao carácter improvisacional e de desconstruo desta música, muito distinto do que acontece com a dita clássica ou erudita, que pretende reproduzir o mais exactamente possível as partituras. Ou seja, mesmo quando há revivalismo, este é entendido de forma criativa. O concerto foi divertido e o público aderiu  proposta.

Marsalis esteve bem como vibrafonista, se bem que não com o brilhantismo que revela com o seu instrumento principal, a bateria. A cantora Roberta Gambarini apresentou-se com grande competência nos temas "Midnight Sun", "Stardust" e "Sweet Georgia Brown". O histórico saxofonista tenor Red Holloway fez-se notar, bem como o exuberante apresentador Jacey Falk (são interveio uma única vez como vocalista ao lado de Gambarini), que chegou a convidar uma jovem da plateia para dançar "Flying Home". (F.V.B.)



Os solos de Kenny Garrett foram intensos e melódicos, numa música que apelava à síncope e ao contratempo e conseguiu unir a sala e dar-lhe felicidade. Também é para isso que a música serve.

Kenny Garrett Presents

No segundo dia do festival, aquele caloroso espaço de Guimarães acolheu o Kenny Garrett Presents. A sala estava generosamente ocupada. O quarteto é uma máquina de funk, daquele tipo que antigamente servia de fundo à passagem de informação sobre cinemas ou a bolsa, a seguir ao telejornal. Se usar o meu juízo de gosto, o concerto foi mau, muito mau. Mas se utilizar o de valor, já não posso dizer o mesmo: foi um concerto importante na captação de público.

Johnny Mercier é um teclista com um bom "groove", mas a sua competência como "soulman" é proporcional ao mau gosto no uso de registos gordurosos no sintetizador. Kona (ups!) Khasu, no baixo, foi muito fraco. A bateria de Nathan Webb resultou forte e irritantemente rockeira. Foi este o cenário: um funk parolo com estruturas melódicas exasperantemente simples, repetidas vezes sem conta para além do que seria admissível na Rua Sésamo. Mas... Garrett é um caso sério de fluência: sola ininterruptamente, ligando melodias sempre com ideias sedutoras. Apesar de nascerem naquela solução pastosa, os seus solos foram intensos e encantadoramente melódicos, estabelecendo relações simples com a música (que de tão quadrada, apelava à síncope e ao contratempo e era só isso que era feito). À medida que o final se aproximava, adensou-se a sensação de que estávamos num encontro motivacional. A frase "are you happy, people" foi repetida "ad nauseum" e o público bateu palmas e cantou: aquilo que para mim parecia a réplica terrena do local onde torturam Duke Ellington se este tiver ido parar ao inferno foi, para muitos, um concerto empolgante, intenso e cativante. A música conseguiu unir aquela sala e dar-lhe felicidade e é também para isso que a música serve. E para que um festival serve: conquistar novos ouvintes para o jazz.

No final, mais um daqueles momentos especiais que acontecem recorrentemente em Guimarães. Circunstâncias fora do programa, não previstas, mas que demonstram bem a importância e a vontade que os músicos têm de retribuir a deferência. No ano passado Marsalis tocou um fado. Este ano, depois das luzes acesas e do público fora da sala, alguns – bastantes – teimavam em fazer sentir a Garrett o quanto aquela noite tinha sido especial. Já com os técnicos a desmontar e sem amplificação, Garrett veio com o saxofone, Mercier sentou-se ao piano e tocaram para um grupo de pessoas que se agrupou informalmente a um canto do palco, em pé ou sentados por onde calhava. Assim, sem sons Earth, Wind & Fire, percebeu-se com nitidez a criatividade melódica de Garrett, e ficamos com pena que não tivesse sido sempre assim. (G.F.)

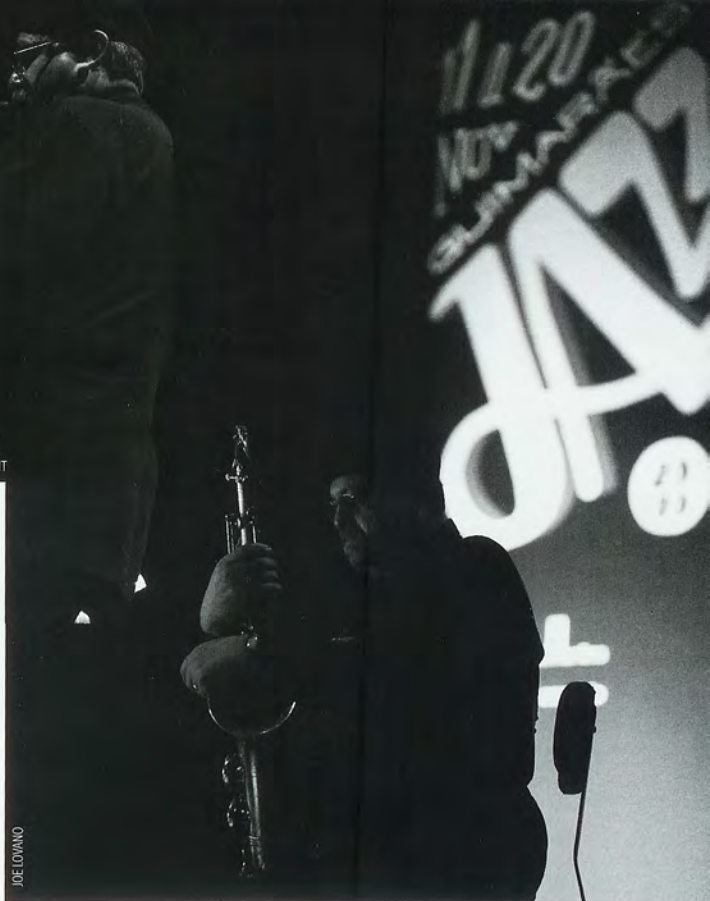




SAXOPHONE SUMMIT

Saxophone Summit

A tarde de sábado, terceiro dia do festival, tinha sido quente em Guimarães: sob uma chuva fria, o jogo de futebol entre o Braga e o Vitória de Guimarães fez o Minho ferver. E se o futebol se transformou num antagonismo irreconciliável, o jazz provou que é o oposto. O Saxophone Summit uniu, numa lógica comum, discursos faiscantemente opostos e provou que o jazz é muito mais do que tinha sido na véspera. Mostrou ainda que a satisfação que a música pode proporcionar não se fica por um catártico bater de pé. O concerto foi excelente, único, superior. Dos que elevam a alma e nos transportam para patamares de espiritualidade. E podia não ter sido assim; o Guimarães Jazz vem mostrando que não é o nome que faz a música e já assistimos a alguns nomes cimeiros entregarem música de refugo. A sala, esgotada, sentiu a invulgaridade do momento e no final aplaudiu agradecida. Não para pedir um "encore", o que seria um disparate depois de Joe Lovano, Dave Liebman, Ravi Coltrane e seus acompanhantes terem levado a suite "Meditations" de John Coltrane à perfeição, mas porque ouviu música rara, com o talento e a experiência de vida de seis músicos a criarem em conjunto algo de muito especial. Sem cedências nem facilitismos, mas beleza pura: a Lovano, Liebman, Coltrane, Billy Hart na bateria, Cecil McBee no contrabaixo e um enorme Phil Markowitz no piano, obrigado.



A primeira semana do festival terminou, ao final da tarde, com o colectivo TOAP (de Tone of a Pitch) para 2010. Uma parceria estável entre o festival e a editora, que assim a apoia e a estimula a continuar o bom trabalho que tem feito. Infelizmente, a jazz.pt também não pôde estar presente. Tocaram André Fernandes (co-fundador da editora), Julian Argüelles, Marcos Cavaleiro, Mário Laginha e Nelson Cascais. Foi lançado o disco com a gravação do ano anterior ("TOAP / Guimarães Jazz Vol. 4") e gravou-se o concerto para o volume 5, a ser lançado na festa dos vinte anos do ano que vem. (G.F.)

carhartt®



ERIC HARLAND e CHARLES LLOYD

O concerto de Charles Lloyd foi excelente, com um impressionante Jason Moran ao piano.

Gonzalo Rubalcaba

A sexta-feira propunha o quinteto de Gonzalo Rubalcaba. Estão longe os dias em que Rubalcaba tinha problemas com o visto para poder tocar fora de Cuba; hoje, a sua ilha é uma imagem desfocada, uma travo muito suave que afluí por vezes no pianar. Infelizmente, o seu teclado doce pareceu agora menos sedutor e a sua música uma sombra mole, submissa, do que era, entregando um jazz virtuoso, mas quase embalsamado. O trompete de Mike Rodriguez tinha mais sabor do que o piano de Rubalcaba, mas mesmo assim a música estava tão ensaiada, tão correcta, tão propositadamente hermosa, que o concerto parecia um disco a tocar. Chegou a entediar, como no "encore", no qual se tocou uma interpretação de "Silêncio" na fronteira com o "smooth jazz". (G.F.)

The Story + Charles Lloyd

A segunda semana do Guimarães Jazz reabriu na quarta-feira, dia 18, mais uma vez em competição com o esférico na TV. Apesar do Portugal x Espanha e de podermos ouvir os The Story, todas as noites, nas "jam sessions" quase gratuitas, a sala estava a metade. Foi pena, pois tivemos mais música excelente, contemporânea, do nosso tempo, inovadora. O quinteto tem uma aproximação inovadora ao jazz, incorporando elementos muito sofisticados, muito trabalho de detalhe, composições belíssimas e arranjos extremamente sofisticados. Tudo muito bom.

Charles Lloyd tem vindo frequentemente a Portugal e com o histórico que tem, as perspectivas para o seu concerto eram muito boas. O lendário saxofonista começou em cima, mas na última parte do espectáculo parecia ter menos energia e verve. Tocou "La Llorona", de Chavelas Vargas. Soou estranhamente a fado, fazendo perceber que no México, como em Portugal - como nas músicas portuárias, no tango de Buenos Aires ou no jazz de New Orleans -, cantar a tristeza foi uma das coisas que também se transaccionaram. Foi excelente. Jason Moran impressionou imenso: é um pianista com uma técnica espantosa e sabe usá-la em prol da música, da originalidade, de procurar sempre soluções inesperadas. Eric Harland, na bateria, e Reuben Rogers, no contrabaixo, foram igualmente superiores, tanto nas formas de acompanhamento como nos solos. Três concertos brilhantes de seguida. (G.F.)

GONZALO RUBALCABA e YOSVANY TERRY





Big Band da ESMAE + New York Composers Orchestra

O último dia do festival é, tradicionalmente, um dia de dose dupla. À tarde, uma ideia excelente: os músicos mais jovens contratados para o festival – os do grupo The Story – levaram não só a sua noção do que é embrionário na América, como também a obrigação de deixar parte da sua visão, das suas ideias e da sua música em Portugal. Anualmente, os estudantes da ESMAE têm a possibilidade de ter uma semana de formação com músicos estrangeiros e de tocar num concerto em “big band”. Assim, às seis da tarde, subiram ao palco para tocar cinco temas escritos (dois deles propositadamente) para este concerto. A apresentação mostrou o bom nível do ensino prestado pela ESMAE. Neste processo dialógico, certamente que os The Story levam de volta muito mais do que esperavam de Guimarães. Para encerrar o evento, a tradicional “big band”: no caso, tratou-se da New York Composers Orchestra, dirigida por Robin Holcomb e Wayne Horvitz. Desde o seu início, em 1986, a orquestra já teve várias formações e até saiu de Nova Iorque. O propósito que deu origem ao projecto foi o de convidar compositores a escrever para instrumentistas disciplinados que fossem igualmente notáveis solistas, fora dos padrões tradicionais deste tipo de grupo. Começou por congrega os músicos da “downtown” nova-iorquina dos anos 1980 (de onde saíram John Zorn e os Naked City, Elliott Sharp e Bill Laswell, entre outros) e tem tido diferentes geometrias ao longo do tempo.

Esta apresentação em Guimarães reuniu propositadamente quase todos os membros originais, o que deu a esta noite um significado acrescido. O concerto começou fantasticamente com uma peça de Horvitz, rápida, estranha, mas muito swingante. Já as peças de Holcomb cortaram o entusiasmo do início, de tão preten- ciosas e desinteressantes. Mesmo assim, foi uma excelente prestação. A orquestra estava apinhada de nomes que marcaram o jazz americano dos anos 1980 e 90, como, por exemplo, Bobby Previte, Marty Ehrlich, Tom Varner, Doug Wieselman, Briggan Krauss, Ron Horton, Curtis Fowlkes e Art Baron. (G.F.)

Em paralelo, decorreram ainda uma exposição dos cartazes do Guimarães Jazz, debates e uns “after-hours” de grande qualidade musical com os The Story.

O Guimarães Jazz devia ser olhado como um bom exemplo, não só pelas autarquias como pela generalidade dos programadores e organizadores. ●

